As famílias de classes médias e a pedagogia do esporte: ambiente, desenvolvimento, pertencimento, engajamento

Middle-class families and sports pedagogy: environment, development, belonging, engagement

DOI: 10.54019/sesv2n2-001

Recebimento dos originais: 05/03/2021
Aceitação para publicação: 20/04/2021

Renato Sampaio

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal de São João del Rei

Endereço: Avenida Visconde do Rio Preto s/n, antiga Rodovia BR 494, km 02

Colônia do Bengo - São João del Rei-MG - CEP: 36.301-360

E-mail: renatosampaio63@gmail.com

RESUMO

Este texto discute as engrenagens da pedagogia do esporte em famílias de classes médias dentro do atual contexto das sociedades capitalistas. Inicialmente se recupera a formatação dos estratos médios da sociedade, as chamadas classes médias. Promove a ideia de que a formação esportiva deve ser ampla e estratégica, envolvendo pais/responsáveis e professores/treinadores. A partir de determinantes bioecológicos, os conceitos de ambiente, desenvolvimento, pertencimento/engajamento são problematizados. Nas considerações finais os pressupostos e características da pedagogia do esporte são lançados ao debate como desafio acadêmico e profissional, no sentido de melhorar o que temos e remar por uma estratégia de prazo alargado.

Palavras-chave: Família; classes médias; pedagogia do esporte.

ABSTRACT

This text discusses the gears of sport pedagogy in middle-class families within the current context of capitalist societies. Initially, the formatting of the middle strata of society, the so-called middle classes, is recovered. It promotes the idea that sports training should be broad and strategic, involving parents/guardians and teachers/coaches. Based on bioecological determinants, the concepts of environment, development, belonging/engagement are problematized. In the final considerations, the assumptions and characteristics of sport pedagogy are launched into debate as an academic and professional challenge, in the sense of improving what we have and pursuing a long-term strategy.

Keywords: Family; middle classes; sport pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, o desenvolvimento econômico-social de famílias de classes médias abre espaço para vários outros tipos de desenvolvimento, impactando coletivos e pessoas em diversos setores da sociedade, entre eles o esporte e suas ferramentas criativas e pedagógicas. Este texto discute as engrenagens da pedagogia do esporte em famílias de classes médias. Inicialmente se recupera a formatação dos estratos médios da sociedade, as chamadas classes médias. Promove a ideia de que a formação esportiva deve ser ampla e estratégica, envolvendo pais/responsáveis e professores/treinadores. A partir de determinantes bioecológicos, os conceitos de ambiente, desenvolvimento, pertencimento/engajamento são problematizados. As emoções de crianças e jovens também envolvem um saber amplo e negociado. Ao encontrar, no capitalismo atual, uma histórica concentração de recursos e uma qualidade duvidosa não acompanhada de política estratégica para o esporte, afirmamos como hipótese que o desejo das famílias de classes médias em incluir crianças e jovens, é parte de uma nova configuração mundial, de caráter cada vez mais privado, em que o espaço da política tem sido reduzido. O saldo desta extração contabiliza os seguintes itens: manutenção e fortalecimento da burocracia, (Sadi, 2017) política assistemática, (Mazzei et. al., 2014) disparidade de gastos, desonerações tributárias e isenções fiscais (Carneiro et. al., 2019) e excessiva preocupação com a área do esporte de alto rendimento, em detrimento das áreas de esporte educacional e de lazer (Silva; Borges; Amaral, 2015). A formação esportiva de crianças, para além do economicismo, depende de saberes e conhecimentos anteriores, ou seja, tanto a família, quanto a inserção em coletivos sociais, são parâmetros decisivos; assim como a formação dos professores/treinadores, a gestão do treino, os modelos/métodos pedagógicos, e as distintas formas de enfrentamento à realidade. (Barbanti, 2005; Milistetd et. al., 2017; Scaglia et.al., 2013, Sampaio, 2021).

Dentro das expectativas de formação, as famílias estão condicionadas pelos recursos econômicos que são realizados diretamente (iniciativa privada) e/ou por meio de ações e parcerias de apoio dos governos. Reside, nesse espectro, a questão de classe social e o binômio *pertencimento/engajamento*. As classes médias estão situadas em um amplo leque de conhecimentos, são

detentoras de capital cultural e possuidoras de bens relativamente compatíveis com os ambientes de clubes esportivos. O conceito de classes médias e seus recortes em estratos envolvem organização de dados, classificação e problematização. (Souza, 2018; Nogueira, 1995)

Os determinantes, condicionantes e oportunidades sociais de classe não devem ser vistos, como estruturas impermeáveis, mas como formas flexíveis de acomodação diante das múltiplas mudanças no cenário capitalista. Em aproximadamente 200 anos o capitalismo construiu e destruiu. Buscou inovações, promoveu o crescimento das cidades e o aumento das desigualdades. No que se refere à formação e à educação, muitas foram as mudanças nos ambientes, no desenvolvimento e na inserção das famílias no mundo do trabalho e do tempo livre.

O contexto socioeconômico no qual a família está inserida, determina, em grande medida, o que será o futuro das crianças e jovens oriundos desta ou daquela família. Entretanto, não se pode esquecer que, os caminhos ou feixes de perspectivas, encontrados no mundo do esporte, muitas vezes podem alterar tais rotas. Mudanças de percurso são quase inevitáveis e, portanto, para além do contexto, existe um processo concreto e subjetivo de intenções familiares. Hoje, certamente há uma maior flexibilidade para sair de determinado estrato social e ascender ao de cima. A problematização deste subtema é fundamental para a compreensão das lógicas inerentes aos esportistas de classes médias pois percebe-se em suas trajetórias, as sutilezas com que o dinheiro ora empurra, ora freia o desenvolvimento. De qualquer maneira, uma espinha dorsal econômica e social deve ser compreendida para a equação das classes médias (Lopes; Louçã; Ferro, 2019).

O ensino, a aprendizagem e a vivência de esportes proporcionam, obstáculos, exigências e desafios para valorizar e ressignificar os ambientes e, dessa forma, a pedagogia como elo entre a educação formal e o esporte se torna uma ferramenta humana enriquecedora, um capital cultural. A criança e o jovem convivem com o sabor, a mágica, o sonho, o prazer, a excitação e a frustração dentro de grupos específicos situados em seus ambientes mais próximos, sendo o ambiente esportivo, desafiador quando se trata de um novo conhecimento ou habilidade a ser dominada. Saímos para o mundo buscando formas entre

brincadeira, jogo e o prazer, novos amigos e novas oportunidades (Hirama; Joaquim; Montagner, 2011; Rezer, 2010). Este vasto ambiente fora do currículo escolar pode ser promovido de forma positiva como parte integrante de uma formação integral e que, também deve ser observado quanto às agendas e aspectos motivadores (Januário, 2012).

Na mesma direção, o formato de competições esportivas que privilegia uma compreensão dialética, complexa e ampla, também se encontra condicionado ao ambiente social, às estruturas físicas (espaços, equipamentos e materiais) e às orientações políticas, familiares e didáticas. Para o sujeito enfrentar este conjunto limitador, qualquer que seja o ambiente de competição, é necessário que seja *oxigenado*. Entendemos por ambiente oxigenado as práticas sadias do *fair play* e a limpeza do ambiente do jogo, as inovações e um suporte criativo das lideranças (Sadi; Santos; Araújo, 2016; Faria; Caregnato; Cavichioli, 2019; Virgílio et. al., 2017).

No ambiente familiar se espalham contradições, mas, também, revelação de potenciais que podem ser produzidos para a superação dos problemas de relacionamento, expectativas dos pais, medo dos filhos e a própria ideia de oxigenação das competições. Ninguém escolhe onde nasce, portanto os percursos da educação em geral são reverberados na família. A escolha e/ou indicações das famílias de classes médias no encaminhamento de seus filhos à modalidades esportivas (individuais ou coletivas) também, de certa forma, *não é escolhida*, ou seja, há previamente, um conjunto cultural, social, afetivo e metabólico que orienta tais definições.

No que se refere aos aportes pedagógicos que possam elevar a qualidade da formação, os professores e treinadores dispõe de modelos/métodos de ensino e treino de orientação bioecológica. Destacam-se três orientações, atrativas por desafiar o pensamento e a ação do conjunto de agentes esportivos e de pais/responsáveis. Nesta exposição estão sintetizadas as principais características de cada um dos modelos/métodos.

O ambiente de treino como lugar de experimentação indica traços do desenvolvimento que ali se opera, entre tantas variáveis, aquelas mais próximas ao dia-a-dia do treino, ou seja, à prática diária e repetitiva do que fazer, do como fazer e do por que fazer (seja do ponto de vista físico ou mental). As questões

específicas de maior ou menor proximidade aos modelos/métodos delimitam o ambiente de treino, tornando-o flexível quanto aos anseios dos jovens. Na sequência, destacamos os pressupostos e as características dos modelos/métodos, utilizados direta e indiretamente por professores e treinadores (objetivamente e subjetivamente como forma de esquivar-se do tradicionalismo/tecnicismo) inclusive os pontos de intersecção possíveis: 1

- Sport Education = modelo americano de ensino esportivo de Educação Física (Escola) baseado na meta de alfabetizar uma pessoa do ponto de vista esportivo, competente e entusiasta. Promove a modificação de jogos e incentiva os alunos a jogarem em grupos. Ensina por meio de jogos reduzidos aplicando papéis sociais a serem desempenhados pelos alunos (jogador, árbitro, jornalista, torcida, etc.) O planejamento das aulas prevê competições e o desenvolvimento de um evento final. (Siedentop; Hastie; Vander Mars, 2019)

2 - TGfU = modelo inglês de ensino esportivo da Educação Física (Escola e Clube); concebe o esporte coletivo em categorias de jogos, sendo o aluno o centro do processo (construtivismo). Modifica jogos e cria representações e cenários em jogos considerados *exagerados*. Incorpora questões do Sport Education como os jogos reduzidos, porém, acrescenta a distinção entre jogo e tarefa, para solidificar as questões táticas e técnicas em processo de compreensão; quando relacionado à crianças e jovens, respectivamente ao ensino de táticas, desenvolve uma variação denominada Tactical Games (Sadi, 2016). Em todas as formas deste modelo, existe a necessidade de criar questionamentos (perguntas e respostas planejadas) exigindo dos alunos o pensamento sobre o jogo. (Mitchell; Oslin; Griffin, 2003)

3 - Game Sense = modelo australiano de ensino esportivo da Educação Física (Escola e Clube); incorpora os dois outros modelos envolvendo a questão técnica no conjunto de habilidades fundamentais de movimento que, ao longo do processo educativo se tornarão habilidades esportivas específicas. Este modelo trabalha com o foco em objetivos e resultados esperados da aprendizagem. As questões táticas ganham relevo e são complexificadas com questões estratégicas do jogo. Um esquema simples representado por jogo, questionamentos, repetição do jogo e modificação se junta com a perspectiva de formação integral, afetiva e de comportamentos. (Breed & Spittle, 2020)

2 A PLURALIDADE DAS CLASSES MÉDIAS E AS OPORTUNIDADES ESPORTIVAS

Ainda que o corte de classe social seja problemático, insuficiente e impreciso para configurar as relações entre família e pedagogia do esporte, tratá-lo do ponto de vista empírico-concreto parece ser uma medida justa para a sua utilização. As mazelas da herança escravocrata que ainda hoje perduram no Brasil, assim como, os vínculos de solidariedade dentro das classes são facetas contraditórias, porém carregam o sentido de luta, ou seja, de *pertencimento/engajamento*. Provavelmente, é um aprendizado social que os povos nos deixaram.

As *classes médias*, sempre no plural, possibilitam a desconstrução do sentido de classe tradicional - burguesia e proletariado e, além disso, promovem a perspectiva lícita de *subir na vida*. Dentro de estratos que se dividem por renda e conhecimento ocorre, por exemplo, o acesso à determinada modalidade esportiva, passível de ser apropriada/consumida por pais/responsáveis, ou seja, que pode ser apresentada às novas gerações. Nesse sentido, há que se posicionar algum tipo de identidade para a classe, tendo em vista que houve um certo *aggiornamento* para cima nas classes populares brasileiras após o primeiro período do então presidente Lula (2003-2006). Esta é uma perspectiva ampla e aceita pela recente literatura no país. Após a primeira onda da pandemia, em 2020 e primeiro semestre de 2021, formou-se um comparativo entre o atual governo e os governos passados de Fernando Henrique Cardoso e os mandatos petistas. Arestas multidisciplinares poderão ser, portanto, costuradas a partir das novas necessidade e sutilezas das classes médias que se situam hoje, entre o caos econômico e a falta de esperança. Seria como acumular alguns bens materiais e sentir falta de amigos, laços de identidade e fraternidade.

Ribeiro (1995) atribui à ausência de identidade do brasileiro, a ideia de *ninguémidade*, discutindo sentidos antropológicos da formação social, entre eles, o domínio e a subjugação racial. Para Souza (2018) a questão da moralidade, desdobrada em características ou sentimentos morais, como culpa, raiva, inveja, constituem complementos de formação nas famílias de classes médias e populares, incutidos desde a infância, com pitadas de uma supremacia racial e econômica. Juntamente com a questão moral, a dimensão subjetiva e invisível do

processo de formação, a dimensão factual do *pertencimento/engajamento* faz com que ocorra um compartilhamento de saberes e conhecimentos, dentro de uma mesma classe (amizades, casamentos, negócios, tudo facilitado pelo mesmo estilo de vida). No sentido de tangenciar a totalidade da família, do ponto de vista social das classes médias, com a totalidade do caráter psicológico, incluindo as raízes históricas do desenvolvimento evolucionista, da cultura em interrelação com o ambiente, o período da adolescência é fortemente marcado por rupturas e traumas (Pratta; Santos, 2007).

O conteúdo de crenças, elaborado por Bronfenbrenner (2011) dentro do macrosistema reverbera positivamente quando os determinantes do dinheiro indicam oportunidades esportivas para as classes médias. No interior do sistema de crenças extraímos tal conteúdo por meio das seguintes perguntas: Quais são as crenças para além da religiosidade? No que os pais acreditam, por que acreditam e como reproduzem tais crenças para os filhos? Esta grade teórica das crenças permite, portanto, esboçar respostas para os diferentes papéis da iniciação esportiva educacional. O enquadramento de tais respostas, composto pela influência dos pais, familiares e amigos mais próximos somado às influências das aquisições envolvidas na aprendizagem do esporte resultam, portanto, nos impactos do macrosistema nos demais sistemas de Bronfenbrenner. Com estas cargas, a pessoa responderá, ora com maior ênfase, ora com menor ênfase para se apropriar e redefinir parte do conteúdo de suas crenças.

O *macrosistema*, nível mais amplo do sistema ambiental, é compreendido como o contexto que engloba qualquer sociedade ou grupo social, sua cultura, subcultura ou outra estrutura social maior. Pessoas nesse mesmo sistema compartilham valores, crenças, estilos de vida, recursos, trajetórias de vida, oportunidades e padrões de intercâmbio social. Junto com o microsistema, Bronfenbrenner (1989) atribui relevância especial aos macrosistemas como geradores de resultados no desenvolvimento, por conterem os outros níveis micro, meso e exossistêmicos, influenciando e sendo influenciado por todos eles (De Carvalho Barreto, 2016).

Goste-se ou não, a concepção sistêmica, estruturalista e de enquadramentos, orienta a lógica formal e dialética do pensamento sobre o desenvolvimento. Do macro ao micro os sistemas se fundem. O cronossistema, ou sistema do tempo está dividido em três subsistemas: microtempo, mesotempo e macrotempo. Todos estes são episódios contínuos ou descontínuos, porém,

necessariamente de acúmulos e ajustes. Dias, semanas, meses e anos constituem, portanto, pedaços de lembranças que podem ou não ser compartilhadas. A simbologia do cronosistema permite assim, estruturar o fundante da teoria bioecológica de Bronfenbrenner.

Na sequência, os conceitos inerentes à pedagogia do esporte, como brincadeira, jogo e atividade são retomados e interligados às apostas familiares: o que os pais/responsáveis desejam e produzem aos seus filhos. Os momentos de transição da infância à juventude serão permeados pela inflexão, contradição e continuidade, o que sugere uma metamorfose entre a brincadeira e o jogo, o jogo esportivo inicial e o esporte formal.

A perspectiva educacional do esporte tradicional e tecnicista, sujeita aos diferentes tipos de questionamento e crítica, não abandonou a brincadeira e o jogo, assim como o jogo esportivo inicial e sua transformação em esporte formal, ao contrário, fortaleceu a sua alma, isto é, assegurou o seu caráter humano, permanente, eterno, por meio da insistência da disciplina, da ordem, das repetições e reproduções na família e na sociedade. Nos tempos tecnológicos atuais do computador, do tablet e do celular, chocou-se com o dinamismo nas múltiplas formas de aprendizagem. No chão da quadra, envolvido com equipamentos e materiais pedagógicos tradicionais, o professor nunca descartou a criatividade como arma de trabalho. Talvez não a tenha desenvolvido suficientemente. Também aqui não se faz juízo de valor ou generalização/minimização da discussão sobre a estrutura do esporte e os ambientes criativos, todavia, ao herdar uma pobreza política e pedagógica, o planejamento e a avaliação ficaram presos à esta reprodução, limitando o raio de aprendizagem dos alunos. Tais aspectos são fundamentais para a educação física como componente do currículo escolar e, mesmo que já tais temas já tenham sido exaustivamente discutidos nas últimas décadas, necessitam de novos olhares e iniciativas quando pensados no microcosmo das famílias de classes médias. A modificação de jogos passou a ser uma questão pedagógica central para que os ambientes fossem oxigenados e produtivos. Por sua vez, as crianças e jovens, deverão ser capazes, no futuro de desenvolver uma humanidade para além do que já foi feito, ou nas palavras de Bronfenbrenner, deverão tornar os seres humanos mais humanos. Tais modificações no chão da quadra, ainda continuam por envolver múltiplos

fatores como, formação, planejamento coletivo, mudanças nas regras, dentro e fora do jogo, mudança de equipamentos obsoletos por máquinas atuais, mudança na aula, no treino, no tamanho das equipes, no número de jogadores, nos placares e nas áreas de jogo.

3 A QUESTÃO DO PERTENCIMENTO/ENGAJAMENTO À UM DETERMINADO ESTRATO SOCIAL

O enquadramento rígido em classes sociais deve ser, sempre que possível, evitado. Como o sujeito percebe a sua situação (e a de sua família) em um determinado enquadramento de classe, constitui parte das preocupações dos pesquisadores. (Salata; Scalon, 2015) Então, ao evitar a rigidez dos enquadramentos, utilizamos os parâmetros de Souza (2018) e Lopes; Louçã; Ferro (2019) e, secundariamente, dados de agências e/ou informativos publicados na mídia.

A ideia de classes médias para além da fixação em burguesia ou proletariado passa pelos recortes culturais, de formação e reconhecimento do investimento/esforço dos pais/responsáveis em promover o melhor que podem. As identidades em torno do dinheiro costumam lógicas de apropriação material e de status social, o que faz com que sejam significativos os recursos que cada classe/estrato detém. Em formas contraditórias, objetivas e subjetivas, as classes médias estão situadas entre os estratos mais baixos das classes dominantes e aqueles mais altos das classes populares.

Da Silva (2020) avalia as tensões de Erik Olin Wright e Pierre Bourdieu afirmando que

Enquanto Wright está interessado em reformular as bases teóricas do marxismo para a compreensão da estrutura de classes no capitalismo contemporâneo, mediante a problematização da classe média como estrato social heterogêneo, Bourdieu está interessado nas construções simbólicas que dão sustentação a uma noção de classe média que empreende estratégias para se distinguir das classes populares, por meio da valorização de bens culturais escassos ou considerados como supérfluos por quem se encontra nas proximidades da fronteira das necessidades básicas. (Da Silva, 2020)

Desta equação, o *pertencimento/engajamento*, a partir de determinantes de classe média e, dentro dela, é nitidamente parametrado pelo marxismo em junção com as manifestações culturais de Bourdieu. Isso significa que as famílias operam

um esforço razoável na condução dos caminhos da pedagogia do esporte, isto é, nos processos complexos e contraditórios do que será o esporte na vida das crianças e jovens. Desdobram-se, portanto, possibilidades de desenvolvimento pedagógico em estratos de classes médias - nuances na ocupação das modalidades esportivas escolhidas e seu prestígio social. Visto a partir do binômio *pertencimento/engajamento* a uma determinada forma prática e social, ou seja, o quanto (e como) a família se sente com seus recursos econômicos, o que facilita e o que dificulta o desenvolvimento (e investimento) da criança/esportista, o esporte promove, educa e cria raiz duradoura – laços permanentes.

O *pertencimento/engajamento* como elemento psicopedagógico, está diretamente relacionado ao maior ou menor interesse dos pais/responsáveis em atividades pedagógicas e nos processos de aquisição de conhecimentos de seus filhos/dependentes. Em outras palavras, desde o início do processo formativo, diferenças de tom de voz, posturas educativas, paciência, espaços domésticos, materiais a disposição da criança entre outras questões, corroboram com a tese deste tipo de envolvimento.

4 A PRODUÇÃO/INCREMENTO DE AMBIENTES ESPORTIVOS OXIGENADOS A PARTIR DO TREINO

As crianças e jovens conhecem as rotinas escolares e aquelas que são consideradas extraescolares ou de complemento à formação. Neste tópico são destacadas três características para a produção/incremento de ambientes esportivos oxigenados a partir do treino. Inicialmente, o ponto de partida é o gosto pelo treino. Gostar de ir ao treino, de estar com amigos e de ter novidades para contar, configuram o *estado de espírito* de um treino oxigenado.

1. Os espaços e áreas livres a serem configurados devem permitir o desenvolvimento de múltiplas relações sociais existentes e, ainda, estimular, novos contatos humanos. A autonomia das crianças na presença de pais/responsáveis e/ou treinador(a) evidencia certa dosagem de oxigenação do ambiente. Autonomia é um conceito de ligação entre a agradabilidade do ambiente e a comunicação estabelecida entre as pessoas.

2. A qualidade dos treinos – O que acontece no dia-a-dia dos treinos? O que faz o (a) treinador (a)? Há domínio, conhecimento e segurança das atividades pedagógicas, emprego versátil de atividades, dinâmica na manipulação de materiais, cores, formas, divisão de áreas e relacionamento com os alunos?
3. A produtividade do treino: divisão e proporção das atividades distribuídas no tempo da sessão. Momentos de avaliação. Criatividade na condução de jogos. Comunicação pontual e eficaz. O gosto pelo treino implica em esforços de planejamento, problematização e aplicação

Por outro lado, sabendo que a criança e o jovem escondem suas emoções, categorizá-las, ajuda a compreender o que ocorre no ambiente psicopedagógico. Conforme a tabela abaixo, as principais emoções são separadas para análise.

Tabela 1 Categorização das emoções

Emoções positivas (contraditórias) Elogios	Emoções negativas (contraditórias) Críticas
Alegria/Aberto	Tristeza/Fechado
Respeito	Indiferente
Surpreso	Embaraçado
Indignado	Frustrado

O que se espera de comportamentos ajustáveis socialmente é a confluência entre a realização do conhecimento compartilhado nas famílias e uma possível contenção ou tolerância à formas abusivas de violência. Assim, as emoções positivas e negativas apresentam um caráter contraditório, ou seja, quando promovidas pelos pais/responsáveis ou mesmo professores/treinadores podem não ser percebidas pelas crianças e jovens. Isso significa que há duas vias possíveis, uma, a promoção de ambiente emotivo por parte dos adultos, a outra, o próprio desenvolvimento espontâneo das emoções por parte da criança ou jovem. Compreender as emoções nestas vias implica em assumir um equilíbrio não estável, o que permite certa forma de desenvolvimento para a família. Estar alegre ou triste, respeitoso ou indiferente, surpreso ou embaraçado, indignado ou frustrado são características momentâneas e dependentes de um determinado ambiente emocional cujo pêndulo oscila ora, positivamente, ora negativamente, ainda que outros elementos de estruturação da personalidade devam ser considerados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os vários desafios e responsabilidades que devem ser observados na promoção e no tratamento do esporte, sintetizados pela perspectiva de *esportivizar a escola e escolarizar o esporte*, é preciso criar uma ofensiva pedagógica que enfrente a questão da exigência e da disciplina, no sentido de *melhorar a aprendizagem e otimizar a instrução*. A responsabilidade pessoal em conjunto com a responsabilidade social costura os eixos destas melhorias e caminha melhor com modelos/métodos centrados no aluno. (Bessa, 2017) Ao mesmo tempo em que o treino é um consumo prazer e busca de objetivo, a família é o principal núcleo ambiental que favorece ou retrai os ânimos de crianças e jovens. Como meio de renovar a educação, emprestando-lhe um lado festivo, o esporte carrega o sonho e a sensibilidade humana. Substituir as lamentações por estratégias de ação e responsabilização por seus cursos também é comportamento indissociável do esportista (Bento, 2004). Ao tomar a decisão de ensinar, aprender, treinar, exercitar e render, famílias, professores/treinadores e crianças/jovens são confrontados com o enigma da competitividade e do ceticismo e chamados a transpor obstáculos. Acelerar e tolerar tais obstáculos são posturas emocionais a serem exigidas dentro de um treino ou uma competição. Não há como fugir dos compartimentos emocionais, táticos, técnicos e físicos, inclusos dentro da pedagogia do esporte, principalmente daquela que pretende alçar qualidade.

A formação integral, por sua vez, acumula déficits históricos e, na contramão, o exercício do desenvolvimento da educação esportiva necessita de estímulos diários (Abi-Eçab, 2017). Então, o denominador comum passa a ser o jogo como meio de ensinar e aprender as bases do esporte somado à competição como momento de fortalecimento, confiança e superação, ou seja, o jogo como ferramenta do processo. Nesta base formativa são incluídos os insumos do fazer do esporte: os exercícios e tarefas relacionados à técnica; os esquemas intelectivos das táticas; as dicas e leituras dentro das práticas; as perguntas e respostas do *feedback* avaliativo (Sampaio, 2021).

As totalidades da pedagogia do esporte reverberam, portanto, nas famílias de classes médias, principalmente naquelas em que se considera o esporte, como um valor cultural de elevado impacto.

Para o conjunto dos pedagogos do esporte, predominantemente, ao se observar métodos e processos, a iniciação não precoce é indicada tanto dentro do ambiente escolar quanto fora dele. Os alunos como participantes ativos da aula, do treino e da gestão democrática são também atores do jogo esportivo. Os incentivos familiares estão, a todo momento, presentes na cena familiar. Dosados no equilíbrio entre cobrança e premiação por mérito se fazem igualmente presentes nas emoções positivas e/ou negativas. Formação ampla, método, *pertencimento/engajamento* e incentivo familiar são *temperos chave*, provavelmente colados ao caldo de cultura deixado por nossos antepassados esportistas e atletas; funcionam como estimuladores para a comunidade esportiva e para os indivíduos; podem funcionar com crianças e jovens, desde que os adultos tenham habilidade no trato com estas questões.

O que nossos dados confirmam é de que os aportes teórico-metodológicos necessitam ser compreendidos, aceitos e assumidos em plenitude por professores e treinadores. Mais do que isso: serem socializados com os pais/responsáveis. Ao se observar diferentes níveis de complexidade do jogo esportivo, em diferentes fases formativas, a consciência dos jogadores pode ser melhorada em direção a um fazer mais elaborado. Isso depende das competências, crenças e perspectivas dos envolvidos, ou seja, de um investimento proativo na questão do *pertencimento/engajamento*.

Por fim, concluímos, que as concepções de ensino, assim como os planejamentos e a realidade do esporte precisam não só ser revistos, mas fundamentalmente, remar por uma estratégia de prazo mais largo.

REFERÊNCIAS

- ABI-EÇAB, Alice. A função social do esporte na construção identitária dos sujeitos. **Serviço Social em Revista**, v. 19, n. 2, p. 45-62, 2017.
- BARBANTI, Valdir J. **Formação de esportistas**. Editora Manole Ltda, 2005.
- BASTIDAS, Marina Gallego; BASTOS, Flávia da Cunha. A lei de incentivo fiscal para o esporte e a formação de atletas no Brasil. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 1, n. 2, p. 111-121, 2011.
- BENTO, Jorge. Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. **Desporto para Crianças e Jovens–Razões e Finalidades**, p. 21-28, 2004.
- BESSA, Cristiana et al. Impacto dos modelos de Educação Desportiva e Instrução Direta no desenvolvimento da responsabilidade pessoal e social em jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2017.
- BREED, Ray & SPITTLE, Michael. **Developing Game Sense in Physical Education and Sport**. Human Kinetics, 2020.
- BROFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Artmed Editora, 2011.
- BUTLER, Joy; GRIFFIN, Linda. **More teaching games for understanding: Moving globally**. Human Kinetics, 2010.
- CARNEIRO, Fernando Henrique Silva et al. Os gastos tributários com esporte nos Governos Lula e Dilma. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 25, p. 25059, 2019.
- DE CARVALHO BARRETO, André. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Psicologia em Revista**, v. 22, n. 2, p. 275-293, 2016.
- DA SILVA, Luis Fernando Santos Corrêa. Entre a posição e as práticas: classes médias nas perspectivas de Erik Olin Wright e Pierre Bourdieu. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 56, n. 1, p. 48-57, 2020.
- FARIA, Flaviane; CAREGNATO, André Felipe; CAVICHIOILLI, Fernando Renato. O esporte e a competição na educação física escolar: perspectivas educacionais a partir dos conceitos da pedagogia do esporte. **Kinesis**, v. 37, 2019.
- HIRAMA, Leopoldo Katsuki; JOAQUIM, Cássia dos Santos; MONTAGNER, Paulo César. Pedagogia do Esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção. **Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências**. São Paulo: Phorte, p. 171-199, 2011.
- JANUÁRIO, Nuno et al. Motivação para a prática desportiva nos alunos do ensino básico e secundário: Influência do género, idade e nível de escolaridade. **Motricidade**, v. 8, n. 4, p. 38-51, 2012.

LOPES, João Teixeira; LOUÇÃ, Francisco; FERRO, Lúgia. **As classes médias em Portugal: quem são e como vivem**. Bertrand editora, 2019.

MAZZEI, Leandro Carlos et al. Política do esporte de alto rendimento no Brasil: Análise da estratégia de investimentos nas confederações olímpicas. **Revista portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 14, n. 2, 2014.

MILISTETD, Michel et al. Formação de treinadores esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em educação física. **Journal of Physical Education**, v. 28, 2017.

MITCHELL, Stephen A.; OSLIN, Judith L.; GRIFFIN, Linda L. **Sport foundations for elementary physical education: A tactical games approach**. Human Kinetics, PO Box 5076, Champaign, IL 61825-5076 (ISBN: 0-7360-3851-5, \$23), 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 1, 1995.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo**, v. 12, p. 247-256, 2007.

REZER, Ricardo. Reflexões didático-pedagógicas acerca do ensino do esporte no processo de formação de professores de Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 16, n. 1, p. 271-292, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

SALATA, André; SCALON, Celi. Do Meio à Classe Média: como a “nova classe média” e a “classe média tradicional” percebem sua posição social?. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 3, p. 375-386, 2015.

SADI, Renato Sampaio. Política do Ministério do Esporte: entre a burocracia e a perspectiva de desenvolvimento. **Corpoconsciência**, p. 80-91, 2017.

SADI, Renato Sampaio; SANTOS, Ivan dos; ARAÚJO, Rafael Vieira. Pedagogia do Esporte: explorando os caminhos da formação permanente e da intervenção criativa em crianças e jovens esportistas. **São Paulo, SP: Editora Ícone**, 2016.

SAMPAIO, Renato. Processos criativos de avaliação em modelos ecológicos na pedagogia do esporte: construindo caminhos para a investigação e a intervenção. **Latin American Journal of Development**, v. 3, n. 3, p. 1516-1524, 2021.

SCAGLIA, Alcides José et al. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SIEDENTOP, Daryl; HASTIE, Peter; VAN DER MARS, Hans. **Complete guide to sport education**. Human Kinetics, 2019.

SILVA, Dirceu Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gestão das políticas públicas do Ministério do Esporte do Brasil. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 29, p. 65-79, 2015.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Sextante, 2018.

VIRGÍLIO, A. et al. Aprendizagem de treinadores esportivos: fontes de conhecimento e prática profissional nos jogos esportivos coletivos. **Journal Of Sport Pedagogy And Research**, v. 3, n. 2, p. 20-26, 2017.